

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE IDOSOS PORTADORES DE HIV/AIDS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Cleisla Thamires Lacerda Silva ¹
Lindomar Farias de Belém ²

INTRODUÇÃO

Mundialmente, está ocorrendo um rápido envelhecimento demográfico, de forma que há um aumento no percentual de idosos e diminuição de outros grupos etários da população. Esse envelhecimento mundial da população vem ocorrendo devido a redução da taxa de fecundidade e do aumento da expectativa de vida. No Brasil, a porcentagem de idosos na população entre 1950 a 2000 era menor que 10%, uma proporção semelhante com a de países pouco desenvolvidos. No entanto, após 2010, houve um aumento nesse percentual de idosos, assemelhando-se ao projetado em países desenvolvidos, e estima-se que em 2070 essa proporção seja superior a 35% da população, ultrapassando a de países desenvolvidos (IBGE, 2016).

Seja no campo da pesquisa ou no âmbito acadêmico, a sexualidade dos idosos é um tema dificilmente discutido, refletido posteriormente na assistência dos profissionais a essa população. O aumento de idosos portadores de HIV/AIDS no Brasil e no mundo mostra que a sexualidade é um tema que deve ser considerado para com os idosos e incluído na assistência aos mesmos (ALENCAR; CIOSEK, 2016).

Atualmente, a aids é um dos principais problemas de saúde em todos os países, e os infectados passam a ter sua função imunológica comprometida. O vírus pode ser transmitido por via sexual, sanguínea e pelo leite materno (BRASIL, 2010).

A aids uma doença que pode ser silenciosa, havendo pessoas que só transportam a doença e não possuem sintomas, como também aquelas que já desenvolveram a imunodeficiência, e é de grande importância para a população idosa. Porém, não são realizados Programas que abordem a sexualidade do idoso, e estes acabam recebendo uma menor quantidade de orientações sexuais e ficando mais vulneráveis ao HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) (VASCONCELOS et al., 2018).

Nota-se que houve um aumento de incidência de HIV/Aids nos idosos, devendo esse tema ser abordado dentro da saúde do idoso. Tratamento para disfunção erétil, a falta de conhecimento e inutilização de preservativos e a implantação de medicamento antirretrovirais são fatores que contribuíram para esse aumento de casos (JÚNIOR et al., 2019). Além disso, há fatores que levam a um risco de infecção pelo HIV aos idosos, são eles: serem sexualmente ativos, mas não utilizarem preservativos, pois estes são vistos apenas como uma forma de prevenção de gravidez, sendo assim desnecessário; acreditam não estarem em risco de contrair o vírus; homens gays que viveram em épocas em que a homossexualidade não era aceita e perderam seus parceiros, e têm relações com homens jovens; podem ser usuários de drogas intravenosas; podem ter recebido sangue infectado em transplantes ou transfusões antes de 1985; redução da função imune devido a idade avançada; perdas que levam ao luto e depressão e podem contribuir para a depressão auto imune (CHEEVER et al., 2016).

Esta faixa etária também está vulnerável a infecção por HIV, de forma que devem haver programas de saúde pública e uma atenção especial dos profissionais, com ações preventivas e assistência os portadores do vírus, que acabam perdendo qualidade de vida (JÚNIOR et al., 2019).

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, cleislalacerda@gmail.com;

² Professora orientadora: doutora, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, lindomarfariasbelem@gmail.com, (83) 3322.3222

Devido esse contexto de vulnerabilidade dos idosos a esta infecção, o objetivo desse trabalho foi descrever o perfil epidemiológico de idosos portadores de HIV/AIDS.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão na literatura referente aos idosos portadores de HIV/AIDS. Foram utilizadas as bases de dados Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), United States National Library of Medicine (Pumed), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico, utilizando-se como descritores: “idosos”, “HIV”, “AIDS”, e “Síndrome da deficiência imunoadquirida”.

Utilizou-se como critérios de inclusão trabalhos completos, com publicação em português entre 2015 e 2019, e que abordassem o perfil de idosos portadores de HIV/aids. Foram excluídos trabalhos de revisão, anais de congresso, teses e relatos de experiência. Após avaliação, foram excluídas 52 publicações e identificados 7 artigos que preencheram todos os critérios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sete artigos selecionados foram publicados entre 2015 e 2018, mostrando como a produção científica de AIDS em idosos é recente, e como é um tema relevante no contexto atual da sociedade.

No estudo de Silva et al. (2018) maioria dos idosos portadores do vírus eram homens (61,3%), e esta prevalência masculina foi encontrada em todos os estudos, estando o maior valor no estudo de Ferreira, Souza e Júnior (2015) com 82,61% dos indivíduos consistindo do sexo masculino. Melo, Pimenta e Donalísio (2016) atribuem essa predominância masculina à relação de machismo que é vista com frequência em pessoas de idade mais avançada, nas quais o homem tem o poder e a mulher é submissa.

Com relação a faixa etária, a predominância de idosos com 60 e 69 anos foi encontrada em três publicações (MELO; PIMENTA; DONALÍSIO, 2016; CRUZ; RAMOS, 2015; SILVA et al., 2018), no estudo de Affeldt, Silveira e Barcelos (2015) a faixa etária predominante foi de 60 a 64 anos, e QUADROS et al. (2016) traz uma média de idade de 65 anos. Também foi observado o grau de escolaridade dos participantes, Melo, Pimenta e Donalísio (2016) destacam o maior percentual em indivíduos com 4 a 7 anos de estudo (16,85%) e menor naqueles indivíduos com 12 anos de escolaridade (6,93%). No estudo de QUADROS et al. (2016), 69,2% possuíam Ensino Fundamental e 26,9% o Ensino Médio. Em alguns estudos, foi verificada a variável raça/cor, na qual foi observada maior número de caso em pessoas brancas (MELO; PIMENTA; DONALÍSIO, 2016; AFFELDT; SILVEIRA; BARCELOS, 2015; SILVA et al., 2018).

Quanto à categoria de exposição, Melo, Pimenta e Donalísio (2016) mostram que as relações heterossexuais tiveram a maior incidência, representando 50% dos casos, sendo a maioria mulheres (63,30%), forma de contaminação prevalente também nos estudos de Affeldt, Silveira e Barcelos (2015), Cruz e Ramos (2015) e de Silva et al. (2018).

No estudo de QUADROS et al. (2016), 61,5% dos idosos negaram fazer parte do grupo com comportamento de risco. Um achado alarmante foi o de que 88,5% dos idosos disseram não conhecer sobre campanhas de prevenção de HIV/AIDS destinada ao público idoso, campanhas essas que poderiam incentivar um comportamento sexual seguro. O estudo também observou a vida sexual, na qual 57,7% dos indivíduos afirmaram terem relações sexuais ativas, e com relação ao uso de preservativos, 26,7% não os utilizavam.

Affeldt, Silveira e Barcelos (2015) trazem que 58,9% dos idosos tinham menos de 60 anos quando descobriram que eram portadores do vírus, e 41,1% eram maiores de 60 anos, mostrando-se a importância de abordar o tema a essa população, de forma a prevenir, diagnosticar e tratar de forma eficaz a doença. As autoras também analisaram comorbidades, a mais relatada foi a hipertensão arterial sistêmica (51,4%) seguida por depressão/ansiedade, dislipidemia, diabetes mellitus e cardiopatia. E também as doenças oportunistas e intercorrências apresentadas, destas predominou a candidíase (40,1%), seguida por diarreia, anemia, pneumonia e tuberculose.

No estudo de Cruz e Ramos, as principais doenças crônicas não transmissíveis associadas foram hipertensão (52,5%), seguida de depressão, catarata, diabetes, doenças articulares e bronquite. Ferreira, Souza e Júnior (2015) trazem em seus estudos percentuais de coinfeção, onde a maioria (60,86%) relatou não ter apresentado coinfeção oportunista paralela ao vírus, porém nos homens se destacou a coinfeção de tuberculose (21,05%).

Silva et al. (2018) avaliaram os casos de aids em idosos notificados entre 2000 e 2015, e destacaram que nesse período houve uma variação percentual de crescimento de casos nessa população de cerca de 185% durante o período estudado. Melo, Pimenta e Donalísio (2016), observaram os casos de idosos infectados por HIV/AIDS entre 1986 e 2010, e destacaram que, durante este período, a população em estudo apresentou uma incidência média da doença de 14/100.000 habitantes.

A alta quantidade de casos de idosos portadores de HIV no Brasil descritas nos estudos epidemiológicos mostra que há um envelhecimento da doença e que esta permanece como um grave problema de saúde pública no país (SILVA et al., 2018). Segundo Almeida e Pinheiro (2017), esse crescimento da quantidade de casos de AIDS nos idosos pode estar relacionado a expectativa de vida mais elevada, ao preconceito quanto ao uso de preservativos e a utilização de fármacos para disfunção erétil pelos homens e de reposição hormonal pelas mulheres, aumentando a qualidade na sexualidade desta população.

O estudo de QUADROS et al. (2016) verificou o conhecimento dos idosos sobre as formas de transmissão do HIV, aos quais 26,9% acreditavam que havia contágio pelo beijo, em especial o beijo na boca devido a possibilidade de haver ferimentos ou doenças na boca envolvidos, havendo contato com sangue. 11,5% acreditavam haver contaminação por picada de mosquito e esse mesmo valor foi obtido para os que acreditavam na transmissão pelo uso do mesmo sanitário, sabonete ou toalha. 73,1% afirmaram haver transmissão vertical (da mãe para o bebê no útero e por meio do leite materno) do HIV, e também foi constatado que 92,3% sabiam da contaminação com sexo sem preservativo.

No estudo de Cruz e Ramos (2015), 38,3% dos idosos relataram morar sozinhos, e um dado que chamou a atenção foi o de que 18% estavam em condição de prostituição, mostrando a importância de ações de educação em saúde para prevenir possíveis contaminações.

Affeldt, Silveira e Barcelos (2015) relataram 91,30% dos idosos afirmaram fazer uso de terapia antirretroviral (TARV) e no estudo Cruz e Ramos (2015), 82,3% faziam uso de TARV, sendo que neste estudo idosos de 70 anos ou mais relataram menor adesão à terapia e maior dificuldade de utilizá-la.

Alencar e Ciosak (2016) mostraram a dificuldade de diagnóstico de HIV/AIDS na população idosa, onde os profissionais relatam que isso não faz parte da rotina no serviço primário, e que quando os idosos chegam ao serviço com manifestações clínicas de infecções oportunistas comuns a pacientes com AIDS, os profissionais primeiro investigavam outras doenças e não solicitavam a sorologia anti-HIV.

O estereótipo associado à AIDS e à velhice deve ser eliminado, e essa população deve ser vista como de pessoas com vida sexual ativa. São necessárias melhores ações de saúde pública para idoso com AIDS, de forma essa população seja tratada com o respeito que

merecem e que seja garantidos seus direitos no Sistema Único de Saúde, que são os mesmos de pessoas mais jovens (MELO; PIMENTA; DONALÍSIO, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento mundial da porcentagem de idosos e o aumento da incidência de HIV/AIDS nessa população gera a necessidade de estudar esse fenômeno. O que se observa é que a sexualidade dos idosos ainda é vista com preconceito e conseqüentemente não é incluída na assistência de profissionais de saúde a esta faixa etária.

Nos estudos aqui apresentados, foi observado que entre os idosos portadores de HIV/AIDS há um maior percentual de indivíduos do sexo masculino, brancos, faixa etária de 60 a 69 anos, de contaminação por meio de relações heterossexuais, hipertensão como comorbidade mais relatada, fazem uso de TARV e desconhecem campanhas de prevenção de HIV/AIDS destinadas ao público idoso.

Dessa forma, é necessário que a sociedade compreenda que os idosos possuem sexualidade e também estão vulneráveis a infecção de HIV/AIDS. Os profissionais devem abordar esse tema na saúde do idoso e devem haver campanhas de prevenção, diagnóstico e tratamento de HIV/AIDS na população idosa.

Palavras-chave: Idoso, HIV, AIDS, perfil epidemiológico.

REFERÊNCIAS

AFFELDT, A. B.; SILVEIRA, M. F.; BARCELOS, R. S. Perfil de pessoas idosas vivendo com HIV/AIDS em Pelotas, Sul do Brasil, 1998 a 2013. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 79-86, 2015.

ALENCAR, R. A.; CIOSAK, S. I. Aids em idosos: motivos que levam ao diagnóstico tardio. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 6, p. 1140-6, 2016.

ALMEIDA, D. J.; PINHEIRO, L. M. G. Epidemiologia dos Idosos com AIDS na Bahia segundo o SINAN de 2014 a 2016. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.11, n. 37, p. 640-652, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso**. 8. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

CHEEVER, K. H. et al. **Brunner & Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica**. 13 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

ALENCAR, R. A.; CIOSAK, S. I. Aids em idosos: motivos que levam ao diagnóstico tardio. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 6, 2016.

CRUZ, G. E. C. P.; RAMOS, L. R. Limitações funcionais e incapacidades de idosos com síndrome de imunodeficiência adquirida. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 5, p. 488-93, 2015.

FERREIRA, T. C. R. F.; SOUZA, A. P. C.; JÚNIOR, R. S. R. Perfil clínico e epidemiológico dos idosos portadores do hiv/aids de uma unidade de referência em Belém-PA. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 13, n. 2, p. 45-55, 2015.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.** Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

JÚNIOR, I. J. A. M. et al. Qualidade de vida e assistência ao paciente idoso portador de hiv/aids: revisão integrativa. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 17, n.1, p. 79-92, 2019.

MELO, M. C.; PIMENTA, A. M.; DONALÍSIO, M. R. Perfil epidemiológico de idosos com aids na macrorregião de saúde de Belo Horizonte. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 1, n. 6, p. 2020-2033, 2016.

QUADROS, K. A. N. et al. Perfil epidemiológico de idosos portadores de hiv/aids atendidos no serviço de assistência especializada. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 6, n. 2, p. 2140-46, 2016.

SILVA, B. N. et al. Panorama epidemiológico da aids em idosos. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 14, n. 29, p. 80-88, 2018.

VASCONCELOS, T. S. A. S. et al. A percepção dos idosos sobre HIV/AIDS no município de Garanhuns/PE. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, Canoas, v. 6, n. 2, 2018.